

A guerra dos Apinayé

ROBERTO DAMATTA

190
Enquanto a sereníssima República discute com o seu costumeiro ardor se as formas devem ser retas ou curvas, os índios continuam sendo fisicamente ameaçados. Todos são democratas, todos são igualitários, os cavernários que governavam o País foram embora, chegou a Nova República, mas os oprimidos de ontem continuam a ser as vítimas recorrentes de um processo de desigualdade que até agora ninguém — repito, ninguém — resolveu assumir para, e eu já não falo em “resolver” (não sou utópico), mas ao menos equacionar honestamente. Agora os “índios” já não interessam

mais como manchete de jornais, e no entanto, um índio foi morto e dois foram feridos gravemente em Tocantinópolis (GO) na última sexta-feira. Conheço esses índios. Nunca se viu um grupo mais pacífico, mais amável, mais cordial. Mas toda essa paciência foi para o brejo diante do autoritarismo brasileiro, da demagogia de governos de oposição, como o do sr. Iris Rezende, que prega modernidades populistas para os seus eleitores e deixa que o problema indígena do seu Estado continue a ser resolvido pelo velho método covarde do rifle contra a borduna.

Meses atrás eu denunciava aqui

desta Folha que havia uma guerra se armando naquela parte do Brasil. Pois bem: hoje já não se trata mais de conjectura, é um fato concreto essa batalha de Apinayés contra fazendeiros e políticos na disputa de uma terra que secular e culturalmente pertence aos índios. Já não basta falar e escrever, já não é preciso mais disfarçar a crítica ao governo militar usando os indígenas na sua luta secular por terras e por sua auto-determinação ideológica dentro da nossa sociedade. Agora, o momento é de cobrar das novas autoridades uma atitude que venha a ser mais coerente com a mensagem que, bem

ou mal, com votos diretos ou indiretos, com doença ou pacto, colocou-as no poder. Não é possível querer que o povo acredite numa reformulação política tão profunda e tão grave como é a Constituinte, se a Nação tão imbuída de uma teorizante democracia, é incapaz de resolver seus velhos e vergonhosos problemas. Será que não seria a hora de se meter em brios e, por meio das mais altas esferas, enfrentar o problema indígena, hoje entregue ao mais espúrio descaso?

ROBERTO DAMATTA, 48, é professor de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Autor, entre outros livros, de “Carnavais, malandros e heróis” e “Relativizando, uma Introdução à Antropologia Social”.